

(**) *José Vicente Tavares dos Santos* é Doutor em Sociologia pela Université de Paris X, Nanterre (1987). Professor do Departamento e do PPG em Sociologia/UFRGS. Coordenador do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania do (IFHC-UFRGS) e pesquisador do CNPq. @ - jvicente@ufrgs.br *Mauricio Bastos Russo* é Doutorando em Sociologia/UFC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (IFCH/UFRGS); do LEV/UFC e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT-CNPq-Violência, Democracia e Segurança Cidadã). @ - sociologorusso@gmail.com

Cartografia Social dos Homicídios em Porto Alegre (2002-2006)*

Social mapping of Homicides in Porto Alegre (2002-2006)*

José Vicente Tavares dos Santos**
Mauricio Bastos Russo**

RESUMO: As cartografias sociais possibilitam organizar e hierarquizar os fenômenos sociais e as relações múltiplas que se estabelecem nesse campo. O objetivo deste texto é expor uma cartografia social das mortes por homicídio na cidade de Porto Alegre, tendo como matriz a pesquisa “Cartografia Sociais e Simbólicas dos Crimes e das Violências no Rio Grande do Sul (2002-2006)”, introduzindo ao longo do texto suas principais descobertas. Concluímos que a cartografia social permitiu a caracterização da metrópole meridional como um espaço urbano diferenciado e complexo, com um emergente processo de segregação social, em termos das dinâmicas espaciais de riscos de violências e de expansão da cidadania. Evidenciou-se o crescimento da violência e da criminalidade, o que está afetando as relações entre os grupos e classes sociais, estabelecendo dilemas societários entre a diferenciação social e cultural e a segregação social no espaço urbano.

Palavras-chave: cartografia social, violência, Porto Alegre, homicídio.

O objetivo deste texto é expor uma cartografia social das mortes por homicídio na cidade de Porto Alegre, tendo como matriz a pesquisa “Cartografia Sociais e Simbólicas dos Crimes e das Violências no Rio Grande do Sul (2002-2006)”⁽¹⁾, introduzindo ao longo do texto suas principais descobertas. Ao falar de cartografias sociais, estamos nos referindo a uma reorganização do espaço-tempo na sociedade, espaço social tramado pelas imbricações do local – regional – nacional e mundial, significando uma mudança de escala do político, a reestruturação dos limites e a alteração das distâncias. (LECHNER, 2002, p.31-33).

As cartografias sociais possibilitam organizar e hierarquizar os fenômenos sociais e as relações múltiplas que se estabelecem nesse campo. Assim,

* Todos os mapas, tabelas e gráficos podem ser visualizados em cores no site <http://www.politicasuece.com>

1 Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania em convênio com a Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Utilizaremos duas bases de dados: as informações da Secretaria Nacional de Segurança Pública

“cada período histórico ou tradição cultural seleciona um ponto fixo que funciona como centro dos mapas em uso, um espaço físico ou simbólico a que é atribuída uma posição privilegiada e à volta do qual se dispersam organizadamente os restantes espaços”. (SOUSA SANTOS, 2000, p. 204).

Tais figuras sociais expressam as práticas e experiências: sociais, políticas e culturais dos agentes em um determinado campo: “O mapa é uma representação simbólica da realidade mediante a qual estruturamos uma trama espaço-temporal”. (LECHNER, 2002, p. 27). O mapa sempre será uma distorção controlada da realidade, dependendo da escala que se utilizar, da medida que for considerada adequada e dos signos utilizados para expressar as realidades materiais e simbólicas que se pretende visualizar. Um mapa sociológico consiste em uma cartografia dos processos, fenômenos e relações sociais expressos em relações de significado interpretativo, cuja construção é orientada pelos alvos intelectuais do empreendimento.

Este trabalho insere-se em um horizonte infinito de possibilidades sociológicas, pois realiza uma inconclusa atualização do “novo espírito científico”, o qual é “uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento”. (BACHELARD, 1984, p. 177). Estamos diante de incessantes transformações metodológicas, pois “o espírito científico somente pode progredir criando métodos novos”. Neste contexto o uso de metodologias informacionais contribui com novas formas de interpretação da realidade social.

A utilização de mapas com números absolutos e com taxas por cem mil habitantes, objetiva minimizar a distorção controlada da realidade, oferecendo dois focos distintos de um mesmo fenômeno. Ao compararmos o Estado do Rio Grande do Sul, com outras Unidades da Federação e Porto Alegre (e sua região metropolitana) com outras capitais brasileiras (e suas regiões metropolitanas) introduzimos um terceiro foco, mais amplo, que permite estabelecer um paralelo entre a realidade, no que se refere aos homicídios, da capital gaúcha com o local, o regional e o nacional.

A situação dos homicídios no Brasil e na Região Sul

As três primeiras causas de óbito no Brasil, em 2005, foram as doenças cerebrovasculares (responsáveis por 10% do total de óbitos por causas definidas), em primeiro lugar, seguidas pelas doenças isquêmicas do coração (com 9,4% do total de óbitos por causas definidas) e, em terceiro lugar, com 5,3% do total de óbitos por causas definidas, os homicídios. (segundo dados do Ministério da Saúde, 2008).

Todavia, nem todos os indivíduos têm o mesmo risco de ser vítima de homicídio. A população exposta ao maior risco são homens, negros e na faixa etária de 15 a 29 anos. A morte por arma de fogo foi responsável por 74% dos homicídios do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Dentre as capitais da Região Sul, Porto Alegre apresentou as maiores taxas de homicídios entre os anos de 1980 e 2005.

Torna-se importante destacar que os números e estatísticas aqui apresentadas para as Ocorrências de Homicídios podem ser diferentes daqueles publicados regularmente pelos órgãos oficiais. Estas diferenças estão embasadas em critérios metodológicos e, fundamentalmente, no uso do poder discricionário² exercido pelo Estado no acompanhamento e tratamento investigativo que recebem os Boletins de Ocorrências.

Figura 1 – Taxa padronizada da mortalidade de homicídios, segundo região, tipo de arma e sexo, Brasil, 2006.

		Total		Arma de fogo		Outros meios	
		Óbito	Taxa	Óbito	Taxa	Óbito	Taxa
Norte	Total	3.856	26,7	2.224	15,2	1.632	11,4
	Masculino	3.566	49,8	3.553	29,1	1.468	20,7
	Feminino	290	4,2	126	1,8	164	2,4
Nordeste	Total	14.319	29,0	10.471	21,1	3.848	7,9
	Masculino	13.293	54,7	13.288	40,6	3.380	14,1
	Feminino	1.026	4,0	558	2,2	468	1,8
Sudeste	Total	20.065	24,7	15.370	19,0	4.695	5,7
	Masculino	18.333	45,9	18.322	36,2	3.934	9,7
	Feminino	1.732	4,2	971	2,4	761	1,8
Sul	Total	5.744	20,8	4.099	15,0	1.645	5,8
	Masculino	5.244	38,6	5.240	28,5	1.405	10,1
	Feminino	500	3,6	260	1,9	240	1,7
Centro-Oeste	Total	3.589	26,3	2.214	16,0	1.375	10,3
	Masculino	3.282	48,7	3.280	30,5	1.205	18,1
	Feminino	307	4,6	137	2,0	170	2,6
Brasil	Total	47.573	25,4	34.378	18,4	13.195	7,1
	Masculino	43.718	47,5	43.683	35,1	11.392	12,4
	Feminino	3.855	4,1	2.052	2,2	1.803	1,9

Fonte: SIM/SVS.

A Região Sul apresenta a menor taxa total de óbitos e a segunda menor taxa de óbitos por arma de fogo dentre as cinco regiões do Brasil, situando-se abaixo da taxa nacional. Na taxa total de óbitos por outros meios, a Região Sul aparece em quarto lugar, ainda abaixo da taxa nacional. Nas taxas por sexo, a Região Sul apresenta as menores taxas no total de óbitos, tanto para os homens como para as mulheres. A taxa de óbitos masculinos por arma de

rio da Saúde.

2 A idéia de discricionariedade: “[...] foi estabelecida, principalmente pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro, Aurelino Leal na década de 1910, para distinguir o poder discricionário do arbítrio. Arbítrio significava ausência de controle legal ou moral. Discricionariedade significava não apenas o livre julgamento do policial frente às leis, mas sim, a autonomia da esfera policial diante da esfera do direito”. (LO-CHE, 1999; p. 176).

fogo, a Região Sul é a menor, mas na taxa de óbitos femininos esta região tem a quarta posição. Seguindo o padrão da taxa total de óbitos, na taxa de óbitos por outros meios, a Região Sul apresenta a quarta maior taxa, para ambos os sexos.

Figura 2 – Taxa padronizada da mortalidade de homicídios, segundo capitais e sexo, Brasil, 2006.

	Total		Masc		Fem	
	Óbito	Taxa	Óbito	Taxa	Óbito	Taxa
Porto Velho	230	61,2	212	114,9	18	9,3
Rio Branco	107	35,8	92	62,1	15	10,2
Manaus	525	30,3	495	58,0	30	3,5
Boa Vista	16	8,0	16	16,3	0	0,0
Belém	476	32,3	444	61,3	32	4,2
Macapá	124	34,6	116	65,0	8	5,1
Palmas	25	10,2	24	20,0	1	0,7
São Luís	220	21,8	207	42,1	13	2,2
Teresina	231	29,1	215	55,7	16	3,4
Fortaleza	764	32,4	709	61,6	55	4,2
Natal	246	31,4	228	59,5	18	4,2
João Pessoa	258	38,7	245	75,1	13	3,5
Recife	1.057	70,3	993	134,9	64	7,7
Maceió	787	86,2	751	167,7	36	7,2
Aracaju	188	36,6	177	70,3	11	3,9
Salvador	1.099	38,1	1.029	72,9	70	4,4
Belo Horizonte	972	39,8	881	73,6	91	7,0
Vitória	208	64,8	189	120,8	19	10,4
Rio de Janeiro	2.481	42,3	2.304	80,4	177	5,3
São Paulo	2.515	22,1	2.272	40,7	243	4,0
Curitiba	700	37,9	659	72,5	41	4,3
Florianópolis	73	17,2	71	33,8	2	1,1
Porto Alegre	436	30,9	404	58,5	32	4,1
Campo Grande	191	24,7	180	47,3	11	2,8
Cuiabá	226	39,8	216	77,3	10	3,4
Goiânia	323	25,3	292	46,6	31	4,6
Brasília	626	25,3	577	47,4	49	3,8
Total	15.104	33,5	13.998	63,5	1.106	4,5

Fonte: SIM/SVS.

Porto Alegre tem a décima sétima maior taxa de óbito total, ficando a 2,6 pontos percentuais abaixo da taxa nacional. Interessante ressaltar que comparada à maior metrópole brasileira, São Paulo, a capital gaúcha teve uma taxa de óbito total superior (Porto Alegre 30,9 e São Paulo 22,1) no ano de 2006.

Na taxa de óbito segundo o sexo, Porto Alegre tem a décima sétima maior taxa de óbitos masculinos e a décima quinta maior taxa de óbitos femininos. Em ambos os casos a taxa porto-alegrense é menor que a taxa nacional, porém no caso da taxa de óbitos femininos a diferença é apenas de 0,4 (Porto Alegre 4,1 e Brasil 4,5). Também nas taxas segundo sexo, Porto Alegre apresentou taxas superiores à cidade de São Paulo. (nos casos de óbitos femininos a diferença é de apenas 0,1).

Figura 3 – Taxa padronizada da mortalidade de homicídios, segundo regiões metropolitanas e sexo, Brasil, 2006.

	Total		Masc.		Fem.	
	Óbito	Taxa	Óbito	Taxa	Óbito	Taxa
Belém	764	35,6	712	67,5	52	4,7
São Luís	259	20,6	244	39,8	15	2,0
Teresina	281	25,6	258	48,1	23	3,7
Fortaleza	1.052	31,7	974	59,9	78	4,4
Natal	317	24,9	297	47,5	20	2,9
Recife	2.526	68,4	2.360	130,4	166	8,4
Petrolina/Juazeiro	350	54,4	326	102,7	24	7,6
Maceió	908	80,5	863	156,0	45	7,4
Salvador	1.441	39,9	1.350	76,2	91	4,7
Belo Horizonte	2.220	43,1	2.033	80,3	187	7,1
B.Horizonte – colar metro	53	10,0	48	18,3	5	1,9
Vale do Aço	60	13,1	57	25,2	3	1,4
V.do Aço – colar metrop	20	12,4	19	24,0	1	1,2
Vitória	1.224	71,6	1.108	131,9	116	13,0
Rio de Janeiro	5.089	45,5	4.759	86,8	330	5,4
São Paulo	4.837	23,7	4.398	43,9	439	4,2
Baixada Santista	360	21,5	330	40,0	30	3,5
Campinas	435	15,3	387	27,5	48	3,4
Curitiba	1.337	39,6	1.238	74,4	99	5,8
Londrina	206	27,9	194	53,5	12	3,1
Maringá	71	12,6	66	23,9	5	1,6
Florianópolis	152	17,4	139	32,3	13	2,9
Florianópolis – expansão	18	15,4	13	22,1	5	8,9
Vale do Itajaí	23	4,5	18	7,2	5	1,9
Vale do Itajaí – expansão	8	4,2	6	6,2	2	2,4
Norte/Nordeste SC	60	11,1	53	19,8	7	2,6
Norte/Nordeste SC – expansão	41	7,4	35	12,8	6	2,3
Foz do Rio Itajaí	83	20,7	73	37,1	10	4,8
Foz do Rio Itajaí – expansão	16	22,2	13	37,2	3	7,6
Reg Carbonífera	23	6,8	20	12,0	3	1,7
Reg Carbonífera – expansão	0	0	0	0	0	0
Tubarão	6	4,6	4	6,4	2	3,0
Tubarão – expansão	9	3,9	8	7,0	1	0,9
Porto Alegre	1.138	27,7	1.062	52,6	76	3,5
Goiânia	552	27,0	507	50,2	45	4,4
Entorno de Brasília	1.043	28,6	964	53,6	79	4,3
Total	26.982	33,4	24.936	62,9	2.046	4,8

Fonte: SIM/SVS.

Dentre as trinta e seis regiões metropolitanas relacionadas, a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) tem a décima quarta maior taxa de óbito total. Embora a taxa de óbito total da capital gaúcha seja menor que a taxa média brasileira, é maior que outras regiões metropolitanas de grande porte, como por exemplo, de São Paulo, Baixada Santista e Campinas. Nas taxas dos óbitos do sexo masculino Porto Alegre estava em décimo terceiro lugar e nos óbitos do sexo feminino em décimo nono lugar. Embora para ambos os casos as taxas sejam inferiores à média nacional, a taxa de óbito masculino é superior às regiões metropolitanas citadas anteriormente e a taxa de óbito feminino é maior apenas que a Região Metropolitana de Campinas, para ficarmos apenas com as regiões do exemplo anterior.

Figura 4 – Taxa padronizada de homicídios (por 100 mil habitantes), segundo municípios com 500 mil e mais habitantes, Brasil, 2006.

	UF	Município	Óbito	População 2006	Taxa Padronizada	Taxa Bruta
1	AL	Maceió	787	922.455	86,2	85,3
2	PE	Jaboatão dos Guararapes	526	651.353	79,2	80,8
3	PE	Recife	1.057	1.515.050	70,3	69,8
4	RJ	Duque de Caxias	524	855.008	62,5	61,3
5	MG	Contagem	309	603.374	48,6	51,2
6	RJ	Nova Iguaçu	392	844.581	46,7	46,4
7	RJ	São Gonçalo	429	973.372	43,6	44,1
8	RJ	Rio de Janeiro	2.481	6.136.656	42,3	40,4
9	MT	Cuiabá	226	542.859	39,8	41,6
10	MG	Belo Horizonte	972	2.399.920	39,8	40,5
11	PB	João Pessoa	258	672.080	38,7	38,4
12	BA	Salvador	1.099	2.714.977	38,1	40,5
13	PR	Curitiba	700	1.788.560	37,9	39,1
14	SE	Araçaju	188	505.287	36,6	37,2
15	SP	Guarulhos	478	1.283.253	35,2	37,2
16	CE	Fortaleza	764	2.416.919	32,4	31,6
17	PA	Belém	476	1.428.368	32,3	33,3
18	RN	Natal	246	789.895	31,4	31,1
19	RS	Porto Alegre	436	1.440.940	30,9	30,3
20	AM	Manaus	525	1.688.524	30,3	31,1
21	PI	Teresina	231	801.972	29,1	28,8
22	BA	Feira de Santana	156	536.013	28,7	29,1
23	DF	Brasília	637	2.383.784	25,7	26,7
24	GO	Goiânia	323	1.220.412	25,3	26,5
25	SP	Osasco	187	714.949	25,0	26,2
26	MS	Campo Grande	191	765.245	24,7	25,0
27	SP	São Paulo	2.515	11.016.708	22,1	22,8
28	MA	São Luís	220	998.384	21,8	22,0
29	SP	Santo André	150	673.233	21,4	22,3
30	SP	Campinas	205	1.059.421	18,1	19,4
31	SP	São José dos Campos	111	610.962	17,3	18,2
32	MG	Uberlândia	106	600.367	16,5	17,7
33	SP	São Bernardo do Campo	137	803.904	16,3	17,0
34	SP	Sorocaba	90	578.071	15,1	15,6
35	SP	Ribeirão Preto	62	559.651	10,7	11,1
36	MG	Juiz de Fora	40	509.126	7,8	7,9

Fonte: SIM/SVS.

Porto Alegre é a única cidade gaúcha na tabela com quinhentos mil habitantes ou mais. Das trinta e seis cidades, Porto Alegre tinha a décima nona taxa padronizada de óbitos. Embora estivesse, mais ou menos, no meio da tabela, a taxa porto-alegrense foi maior que grandes cidades como São Paulo, Campinas e do Distrito Federal, por exemplo.

Figura 5 – Tendência da taxa de mortalidade por homicídios, segundo UF, região Sul, Brasil, 1980 – 2006.

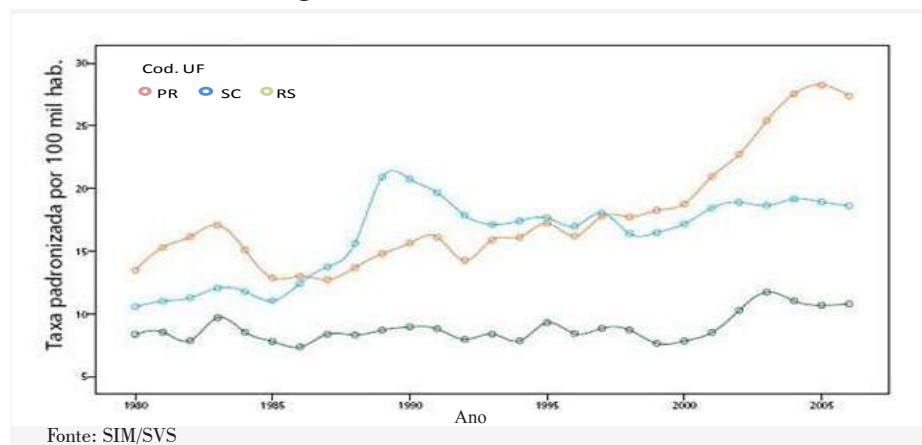
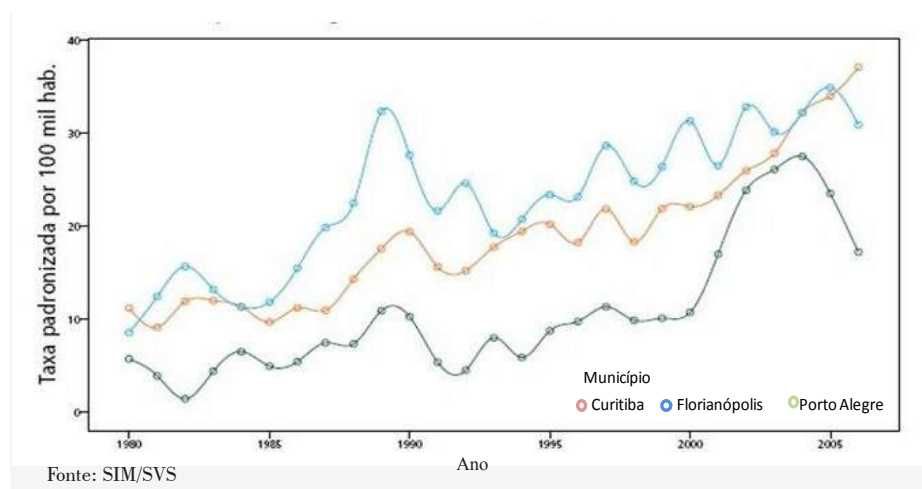


Figura 6 – Tendência da taxa de mortalidade por homicídios nas capitais da região Sul, Brasil, 1980 – 2006.

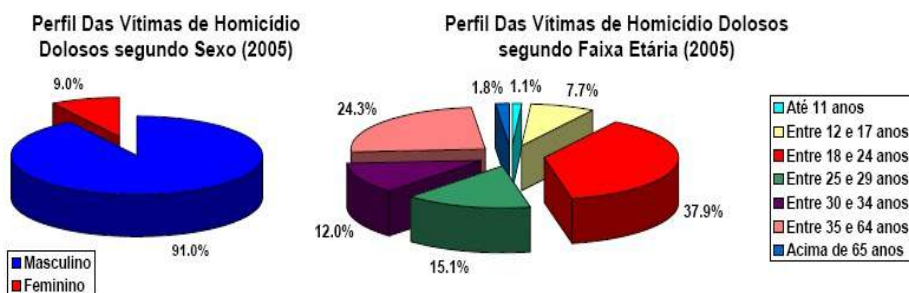


A Figura 5 demonstra que de meados dos anos de 1980, até final dos anos de 1990, o estado do Rio Grande do Sul apresentava as maiores taxas padronizadas de homicídios por cem mil habitantes. A partir do final dos anos de 1990, o estado do Paraná apresentou uma curva ascendente, enquanto a taxa gaúcha

se manteve estável. Na comparação entre as taxas padronizadas por cem mil habitantes das capitais da Região Sul (Figura 6), Porto Alegre apresentou as maiores taxas do início dos anos de 1990 até o ano de 2005, quanto teve o seu maior pico. No ano seguinte, em 2006, Curitiba apresentou a maior taxa, dentre as capitais da Região Sul, Síntese do perfil das vítimas no Rio Grande do Sul.

O perfil das vítimas no Rio Grande do Sul apresenta uma pequena diferença em relação ao perfil nacional. Embora em ambos os casos as vítimas na sua quase totalidade sejam homens, existem diferenças na faixa etária que é mais vitimizada.

Figura 7 – Perfil das vítimas dos homicídios dolosos no Brasil, 2005.



Fonte: Ministério da Justiça/ Secretaria Nacional de Segurança Pública / Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública.

* São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não enviaram informações para os dois anos analisados. Sergipe não enviou informações para 2005 e Santa Catarina não enviou informações para 2004.

As taxas se mantiveram estáveis durante o período analisado, a taxa de mulheres vítimas de homicídios se manteve estável aproximadamente em três vítimas por cem mil habitantes com uma variação de 0,7, no período analisado. Os homens são, em média, oito vezes mais vitimados do que as mulheres, seguindo o padrão nacional. A variação entre a menor taxa e a maior foi de 2,5, no período.

Tabela 1 - Vítimas de Homicídios segundo taxa por 100 mil habitantes e segundo sexo Rio Grande do Sul, 2002-2006.

Ano	Feminino	Taxa por 100 mil hab	Masculino	Taxa por 100 mil hab
2002	172	3,2	1281	25,1
2003	185	3,5	1219	23,7
2004	186	3,4	1288	24,7
2005	203	3,7	1381	26,2
2006	165	3,0	1395	26,2

Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio Grande do Sul

FEE: Estimativas Populacionais Elaboração: GPViol/UFRGS-CNPq

As mulheres gaúchas na faixa de 35 a 49 anos concentram o maior percentual de vítimas de homicídios, 27,6%. Em seguida, com 24,2%, as mulheres com idade entre 25 e 34 anos. O perfil das vítimas femininas no Rio Grande do Sul apresenta um padrão diferente do nacional, onde a maior parte das vítimas está concentrada na faixa de 18 a 24 anos e, em segundo lugar, mulheres com mais de 65 anos (Tabela 17).

Tabela 2 - Vítimas de Homicídios segundo sexo, e faixa etária Rio Grande do Sul, 2002-2006.

Faixa Etária	Feminino	%	Masculino	%	Total	%
Total	908	100,0	6517	100	7425	100
Até 14 anos	50	5,5	86	1,3	136	1,8
15 a 19 anos	109	12,0	822	12,6	931	12,5
20 a 24 anos	141	15,5	1457	22,4	1598	21,5
25 a 34 anos	220	24,2	1914	29,4	2134	28,7
35 a 49 anos	251	27,6	1578	24,2	1829	24,6
50 a 59 anos	68	7,5	389	6,0	457	6,2
Mais de 60 anos	50	5,5	241	3,7	291	3,9
Não Informado	19	2,1	30	0,5	49	0,7

Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública – SSP - Sistema de Informações Policiais – SIP

Elaboração: GPViol/UFRGS - CNPq

No grupo masculino, os maiores percentuais estão nas faixas de 25 a 34 anos, com 28,7%, seguida da faixa de 35 a 49 anos, 24,6%; os jovens de 20 a 24 anos apresentam uma taxa de 21,5%. Comparado ao perfil das vítimas do sexo masculino nacional, os homens vitimados no Rio Grande do Sul apresentam uma faixa etária superior à média nacional, cuja maior parte fica na faixa de 18 a 24 anos.

Síntese do perfil dos agressores no Rio Grande do Sul

Os homens são quase a totalidade dos agressores na estatística nacional, com 95% do total. O Rio Grande do Sul segue o mesmo padrão, sendo que as mulheres foram responsáveis por 6% dos homicídios, no período de 2002 a 2006. A faixa etária entre 18 a 24 anos concentra a maior parte dos agressores, seja no Rio Grande do Sul ou no Brasil. Somando as faixas etárias de 25 a 34 anos, para o Brasil temos 29,1%, valor muito próximo dos 27,8% encontrado no Rio Grande do Sul.

Figura 8 – Perfil dos agressores dos homicídios dolosos no Brasil, 2005.

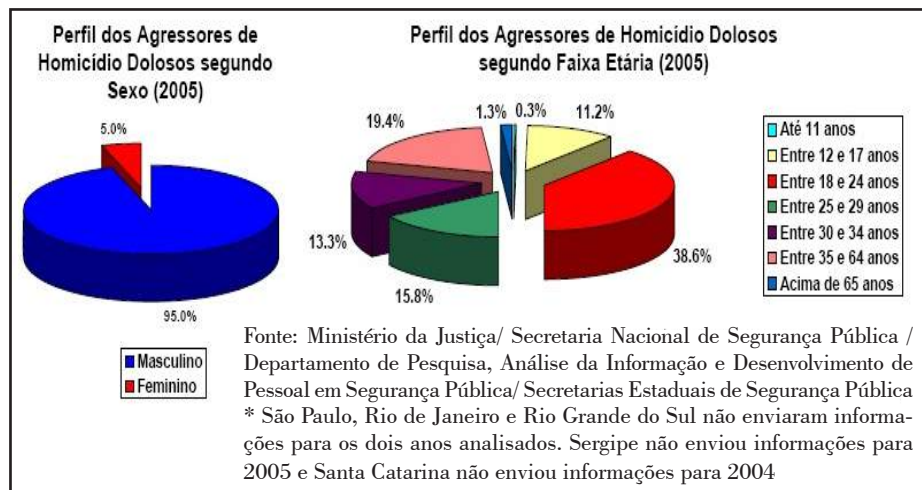


Tabela 3 - Agressores de homicídios segundo sexo e faixa etária. Rio Grande do Sul, 2002-2006.

Faixa Etária	Feminino	%	Masculino	%	Total	%
Total	314	100	4945	100	5259	100
Até 14 anos	4	1,3	32	0,6	36	0,7
15 a 19 anos	52	16,6	1047	21,2	1099	20,9
20 a 24 anos	68	21,7	1321	26,7	1389	26,4
25 a 34 anos	80	25,5	1380	27,9	1460	27,8
35 a 49 anos	78	24,8	861	17,4	939	17,9
50 a 59 anos	26	8,3	215	4,3	241	4,6
Mais de 60 anos	6	1,9	89	1,8	95	1,8

Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública – SSP - Sistema de Informações Policiais – SIP

Elaboração: GPViol/UFRGS - CNPq

Cartografia dos homicídios em Porto Alegre

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população de Porto Alegre em 2000 era de 1.360,590 habitantes, chegando a 1.436.123 habitantes em outubro de 2009. Os dados do último Censo Demográfico (2000) apontam que 97,8% dos domicílios contam com água encanada, 99,3% possuem energia elétrica e contam com coleta de lixo. Em relação aos bens de consumo, 96,8% possuem refrigerador, 68,4% possuem telefone fixo, 97,8% têm televisão e 27,9 dos domicílios contam com computador. O rendimento nominal mensal médio em 2000 era de R\$ 1,197,00. A incidência de pobreza, em 2003³, era de 23,74% e o Índice de Gini de 0,45.

3 Fonte: IBGE, cidades@. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>

Um Mapa Social deve captar a cartografia da complexidade social: a vida social e a densidade associativa; a produção do cidadão; e as várias faces da violência social e da criminalidade urbana.

Em face das ameaças da violência difusa e da criminalidade violenta, cartografar significa perceber as possibilidades de construção da democracia. A expansão da violência difusa tem ocorrido em várias regiões da sociedade brasileira, mas produz-se também um “sentimento de insegurança social”, alimentado por representações sociais compostas pela estigmatização social, opondo assim camadas sociais e potencializando os conflitos sociais existentes.

A análise sociológica da cartografia da violência e da cidadania em Porto Alegre, no período de 2002 a 2006, elaborada na pesquisa que dá origem a este texto, possibilita chegar à conclusão de que existe uma diferenciação de dimensões estruturais – demográficos, de rendimentos e de escolaridade – os quais estão associados a dimensões da criminalidade e da violência cuja espacialização é diversa segundo o tipo de crime e de ato violento.

Percebe-se, ao longo do período analisado, a concentração dos homicídios em poucos bairros, isto é, há uma distribuição desigual, por razões diferentes. No ano de 2002 (Mapa 1) os bairros que apresentaram a maior quantidade de homicídios foram: Bonfim, Centro, Cristal, Cristo Redentor, Lomba do Pinheiro, Mário Quintana, Protásio Alves, Rubem Berta, Santa Teresa, Santana e Vila Jardim.

O bairro Bonfim, por exemplo, apresenta uma grande concentração de bares ao longo de sua rua principal, concentrando nesta área a maior parte dos crimes e delitos. Além disso, neste bairro está localizado o Hospital de Pronto-Socorro (HPS) e a literatura aponta que uma das falhas das estatísticas policiais é registrar o local de ocorrência do óbito, quando na verdade deveria ser registrado o local da ocorrência que resultou no óbito⁴.

Os centros das grandes cidades são locais de grande fluxo de circulação de pessoas, razão pela qual grande parte das estatísticas criminais se localiza nestas áreas. Os bairros Cristal, Protásio Alves, Rubem Berta e Vila Jardim ficam localizados numa Região do OP que possui um alto Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), conforme o Mapa da Inclusão e Exclusão Social de Porto Alegre (2005). O bairro Cristo Redentor está numa região que possui um IVS médio e os bairros Lomba do Pinheiro Mário Quintana e Santa Teresa numa região que apresenta um IVS muito alto. O contraste fica com o

topwindow.htm?1.
4 Ver Mapa 1 no final

bairro Santana, que apesar de se localizar numa região com baixo IVS, teve em 2000 um alto número de homicídios⁵.

Em 2003 a maior quantidade de homicídios esteve concentrada em dois bairros: Rubem Berta e Santa Teresa⁶.

No ano de 2004, o bairro Santa Teresa concentrou uma grande quantidade de homicídios, tendo mais que o dobro de casos dos que figuravam em segundo lugar com onze homicídios⁷.

Três bairros concentraram a maior quantidade de homicídios, em 2005: Rubem Berta, Santa Teresa e Sarandi. Este último bairro fica localizado na Região Norte do Orçamento Participativo e teve neste ano um alto IVS⁸.

Em 2006 os bairros Cristo Redentor, Mário Quintana, Rubem Berta, Santa Teresa, Sarandi e Restinga apresentaram a maior quantidade de homicídios. O bairro Restinga localiza-se numa região do OP com um IVS muito alto.

Na série que vai de 2002 a 2006, apenas o bairro Santa Teresa esteve sempre na faixa daqueles que tiveram o maior número de homicídios no período. O bairro Rubem Berta só não esteve presente nesta mesma faixa no ano de 2004. Nota-se que ao longo do período analisado, os homicídios concentraram-se em poucos bairros, isto é, há uma distribuição desigual⁹.

É possível traçar a partir dos dados do Mapa 6, uma linha que começa no bairro Restinga, segue em direção as Regiões Norte/Nordeste, atinge alguns bairros da Região Noroeste, chegando ao Centro da cidade passando por cima da maioria do bairros da Região Centro e descendo em direção das Regiões Cruzeiro e Cristal. Nota-se também que existe uma grande quantidade de homicídios concentrados no centro geográfico do mapa. Isto é, a maior quantidade de homicídios está concentrada nas regiões Norte, Noroeste, Mário Quinta, Eixo Baltazar, Leste, Partenon, Glória, Centro Sul, Lomba do Pinheiro, Restinga e Cristal. Na Região Centro, destacam-se os bairros: Centro, Bonfim, Floresta e Santana.

Porém, se a configuração dos homicídios for analisada a partir da taxa por cem mil habitantes, esta se apresenta de maneira diferente dos números absolutos¹⁰.

Quatro bairros que, no ano de 2002, não estavam na faixa com maior quantidade de homicídios, apresentam taxas de homicídios maiores: Vila Conceição, Anchieta, Praia de Belas, Farroupilha¹¹.

5 Ver Mapa 2 no final do artigo, p. 228.

6 Ver Mapa 3 no final do artigo, p. 229.

7 Ver Mapa 4 no final do artigo, p. 230.

8 Ver Mapa 5 no final do artigo, p. 231.

9 Ver Mapa 6 no final do artigo, p. 232.

10 Ver Mapa 7 no final do artigo, p. 233.

11 Ver Mapa 8 no final do artigo, p. 234.

Em 2003 sete bairros tiveram as maiores taxas: Praia de Belas, Anchieta, Navegantes, Cristo Redentor, Vila Jardim, Bonfim e Ponta Grossa. Nenhum destes bairros teve a maior quantidade de homicídios neste ano¹².

Em 2004, o bairro, Anchieta, apresentou a maior taxa de homicídios¹³.

Os bairros Praia de Belas, Farroupilha e Anchieta tiveram, em 2005, as maiores taxas de homicídio¹⁴.

O ano de 2006 mostrou uma configuração atípica, com a taxa de homicídios distribuída de maneira heterogênea pelos bairros. Este ano apresentou menor quantidade de homicídios, de tal forma que as faixas estão muito próximas entre si, sendo que a última faixa (que aparece em vermelho) seria em outros anos a penúltima. Destacam-se os bairros Praia de Belas, Cristo Redentor, Vila Jardim que aparecem em outros anos e, principalmente, o bairro Anchieta que em todos os anos (2002-2006) esteve entre os bairros com maior taxa de homicídios.

Conclusão

A cartografia social permitiu a caracterização da metrópole meridional como um espaço urbano diferenciado e complexo, com um emergente processo de segregação social, em termos das dinâmicas espaciais de riscos de violências e de expansão da cidadania. Evidenciou-se o crescimento da violência e da criminalidade, o que está afetando as relações entre os grupos e classes sociais, estabelecendo dilemas societários entre a diferenciação social e cultural e a segregação social no espaço urbano.

A partir do foco mais amplo, o nacional, a Região Sul apresentou, em 2006, a menor taxa total de óbitos, a segunda menor taxa por arma de fogo e as menores taxas totais para ambos os sexos. Quando focalizamos o nível regional, o estado do Rio Grande do Sul, após um período de dez anos, entre 1987 e 1997, quando tinha a maior tendência da taxa de mortalidade, apresentou uma queda e foi ultrapassado pelo estado do Paraná.

Entre 2002 e 2006 as taxas por cem mil habitantes para as vítimas de homicídios do sexo feminino, oscilaram entre 3,0 e 3,7 no máximo. A taxa masculina oscilou entre 23,7 e 26,2 neste mesmo período. As mulheres vitimadas, entre 25 e 49 anos representaram 51,8% do total e os homens, nesta mesma faixa etária 53,3%. A faixa etária das homicidas, com 50,2% do total é a mesma das vítimas. Já os homens que cometeram homicídios estão na faixa entre 20 e 34 anos, com 54,2% do total.

12 Ver Mapa 9 no final do artigo, p. 235.

13 Ver Mapa 10 no final do artigo, p. 236.

14 Ver Mapa 11 no final do artigo, p. 237.

A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) está localizada na primeira metade, em décimo quarto, das taxas padronizadas de homicídios das trinta e seis regiões metropolitanas do Brasil. A taxa da RMPA de 27,7 estava bem abaixo da nacional que foi de 33,4 por cem mil habitantes.

Se o Rio Grande do Sul apresentou uma tendência menor de taxa de mortalidade a partir de 1998, Porto Alegre manteve a maior taxa da Região Sul até 2005, sendo superada após quinze anos pela capital paranaense, Curitiba. Ainda assim, em 2006, a taxa da capital rio-grandense foi maior do que a capital paulista, maior metrópole brasileira.

Quando direcionamos nosso foco para o nível local, isto é, para os bairros, a série histórica dos mapas apresenta, de um lado, em números absolutos, os bairros: Bonfim, Centro, Cristal, Cristo Redentor, Lomba do Pinheiro, Mário Quintana, Protásio Alves, Rubem Berta, Santana, Vila Jardim, Sarandi e Restinga que em pelo menos um ano da série apresentaram o maior número de homicídios, sendo que o bairro Santa Teresa esteve presente em todos os anos.

Por outro lado, os mapas criados a partir das taxas de homicídios mostraram outros bairros que não estiveram presentes nos mapas com números absolutos. A análise das taxas deve ser cuidadosa devido às distorções que podem apresentar, devido à reduzida população de alguns bairros. O mapa com taxas do ano de 2006 é um caso típico, devido à proximidade das faixas diversos bairros aparecem em “vermelho”.

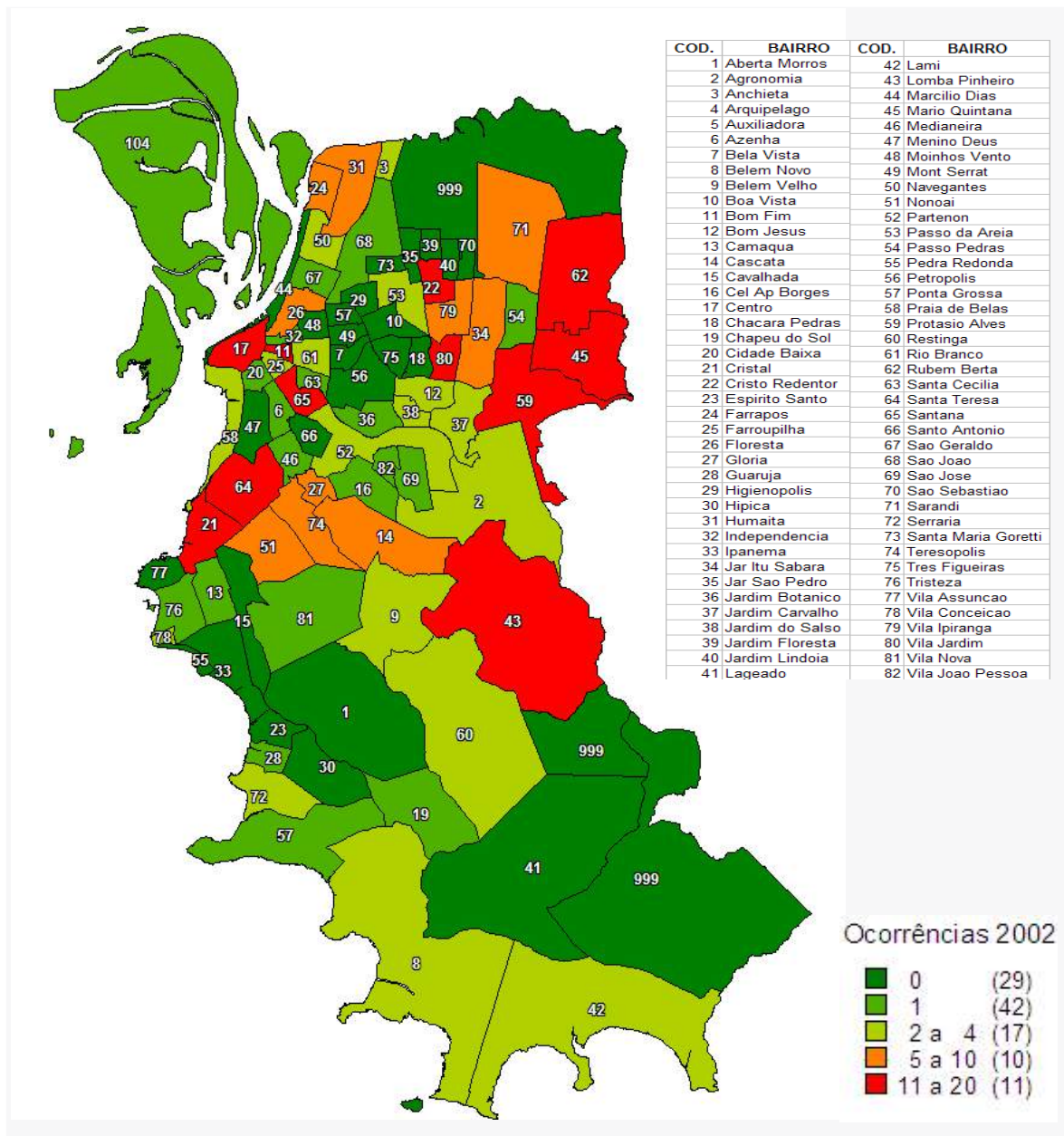
De todo modo, os bairros Vila Conceição, Praia de Belas, Farrroupilha, Navegantes, Cristo Redentor, Vila Jardim, Bonfim e Ponta Grossa em pelo menos em um ano da série estiveram presentes na maior faixa. O bairro Anchieta esteve presente em todos os anos.

Fazendo um movimento pendular, entre os mapas com números absolutos e aqueles com taxas, percebe-se que os bairros Santa Teresa, Rubem Berta, Vila Jardim, Bonfim, Cristo Redentor, Praia de Belas e Anchieta aparecem em ambas as séries, o que demonstra a vulnerabilidade, no que se refere a homicídios, destas áreas.

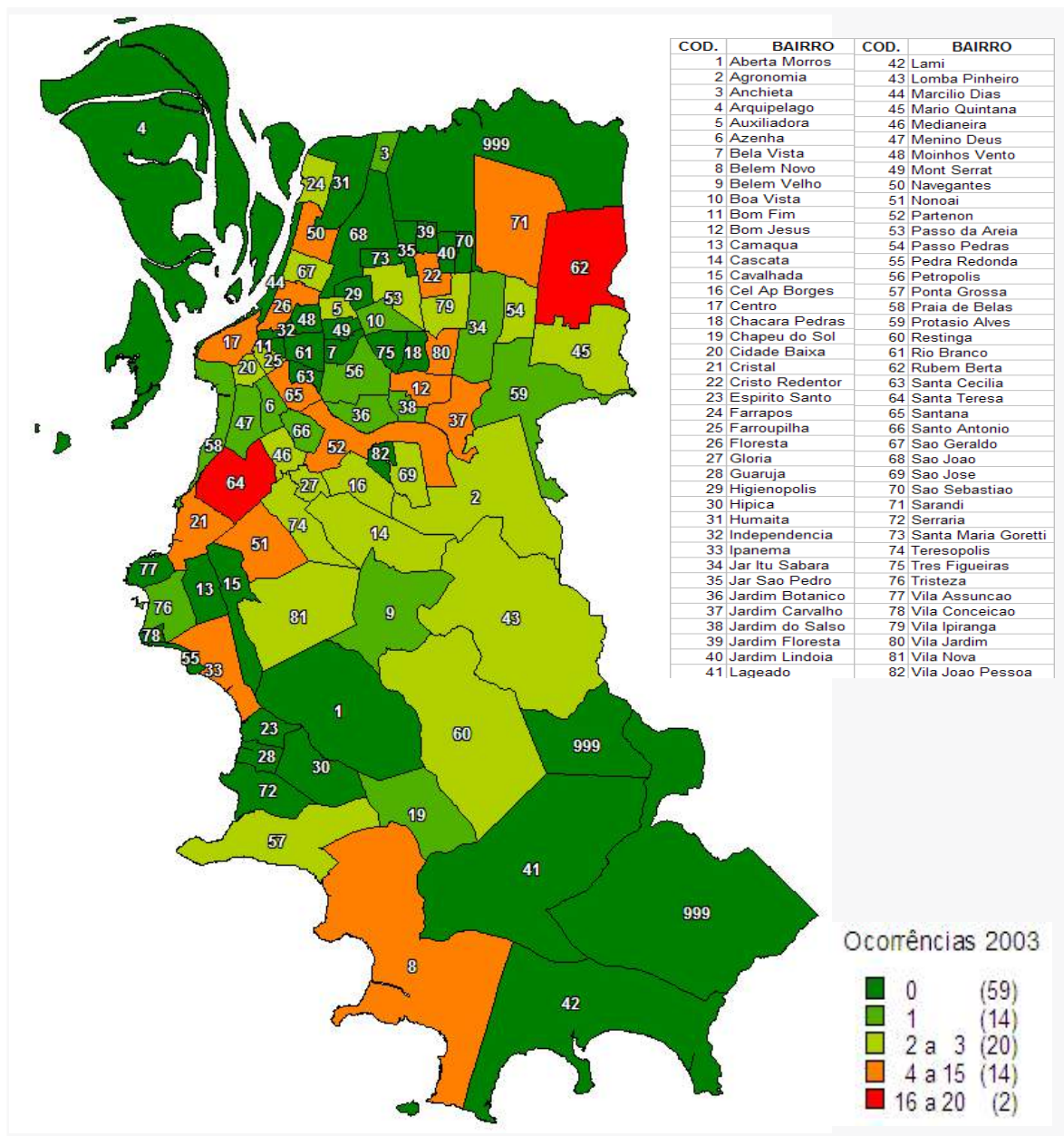
Descortina-se a possibilidade de observar cartografias sociais que pode nos estimular a prosseguir, com envolvimento e espírito crítico, na construção de cidades socialmente justas na qual a desigualdade sócio-espacial não seja um obstáculo ao convívio democrático.

Relação de Mapas

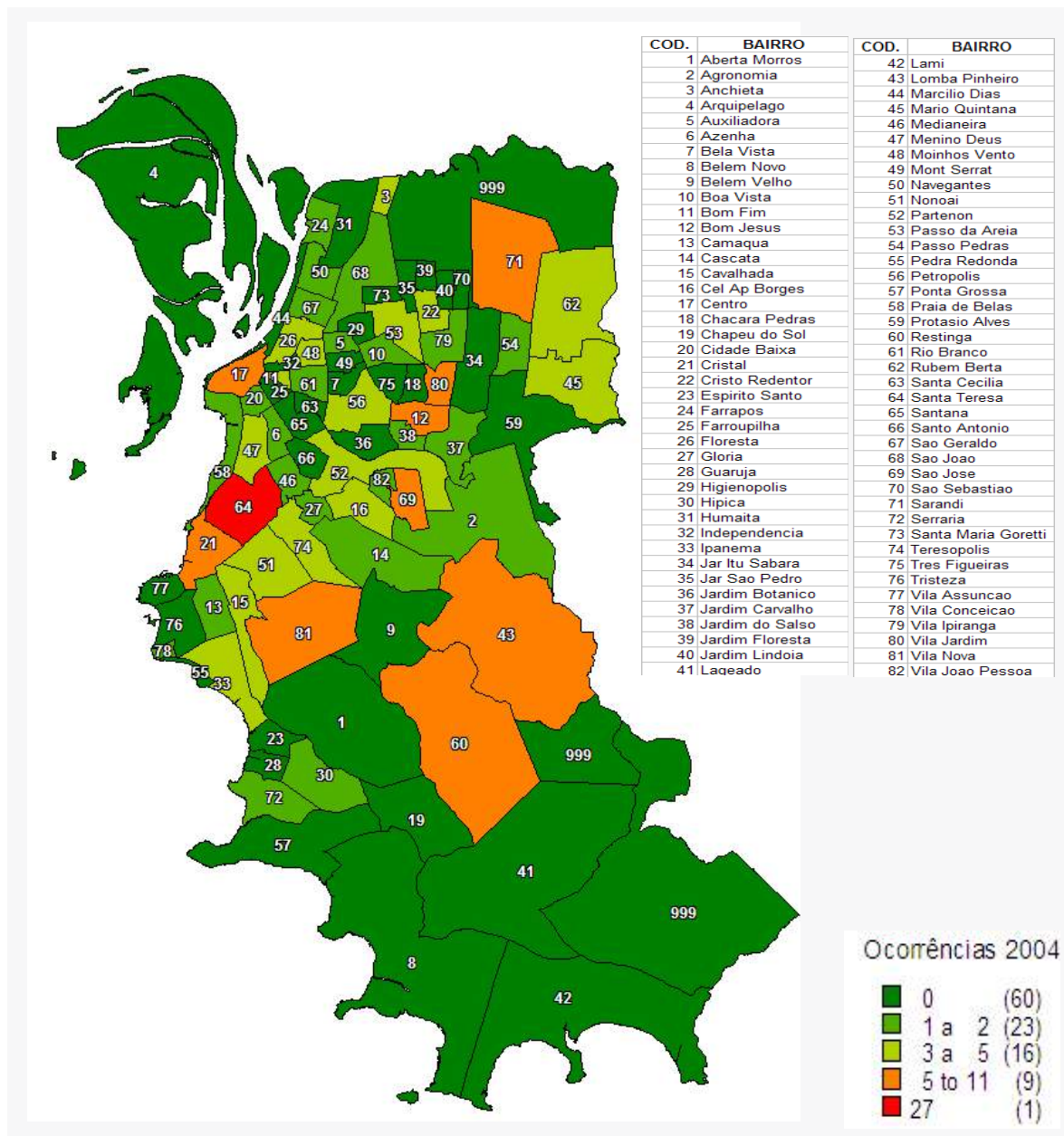
Mapa 1
Total de homicídios, Porto Alegre 2002



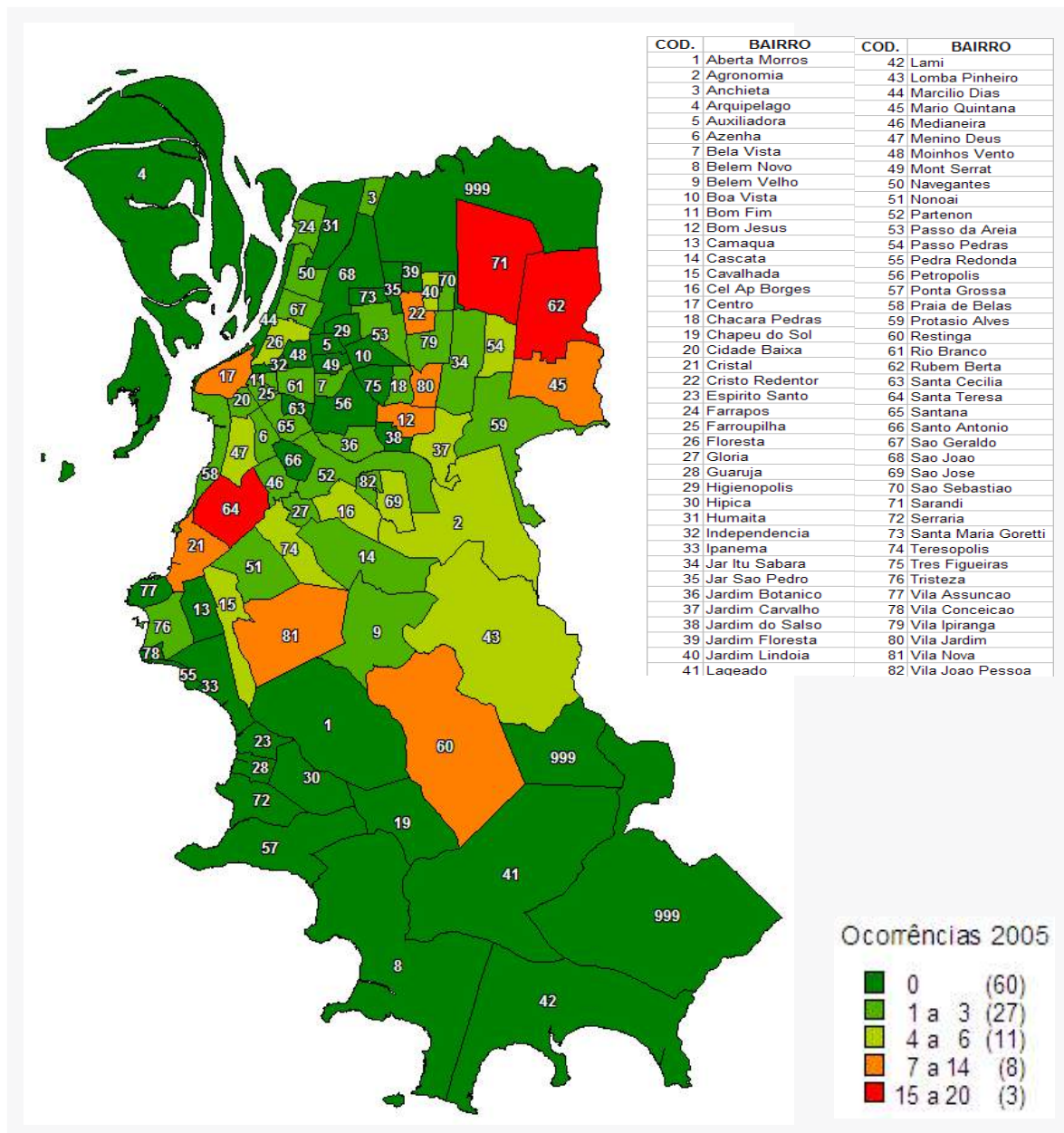
Mapa 2
Total de homicídios, Porto Alegre 2003



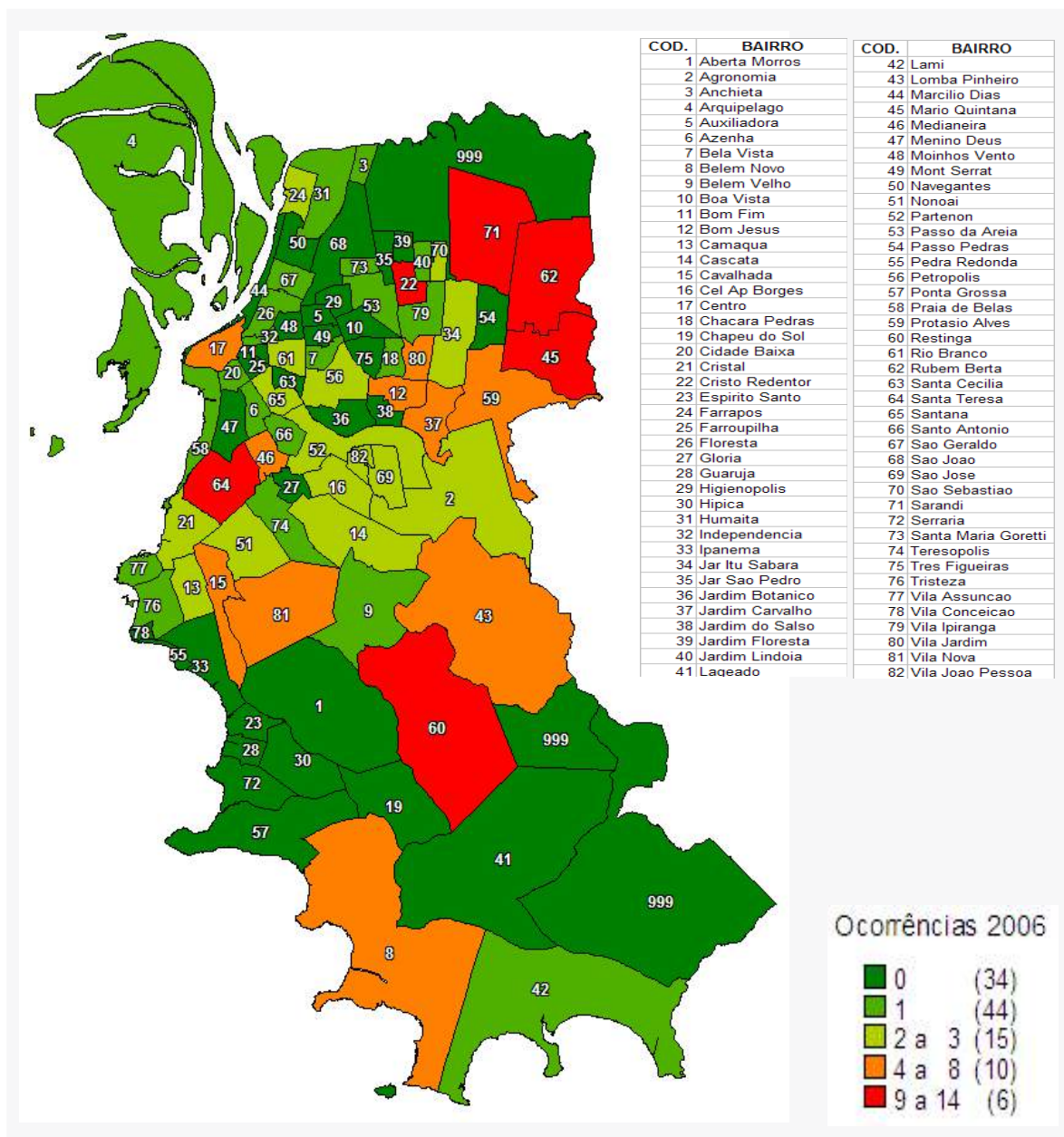
Mapa 3
Total de homicídios, Porto Alegre 2004



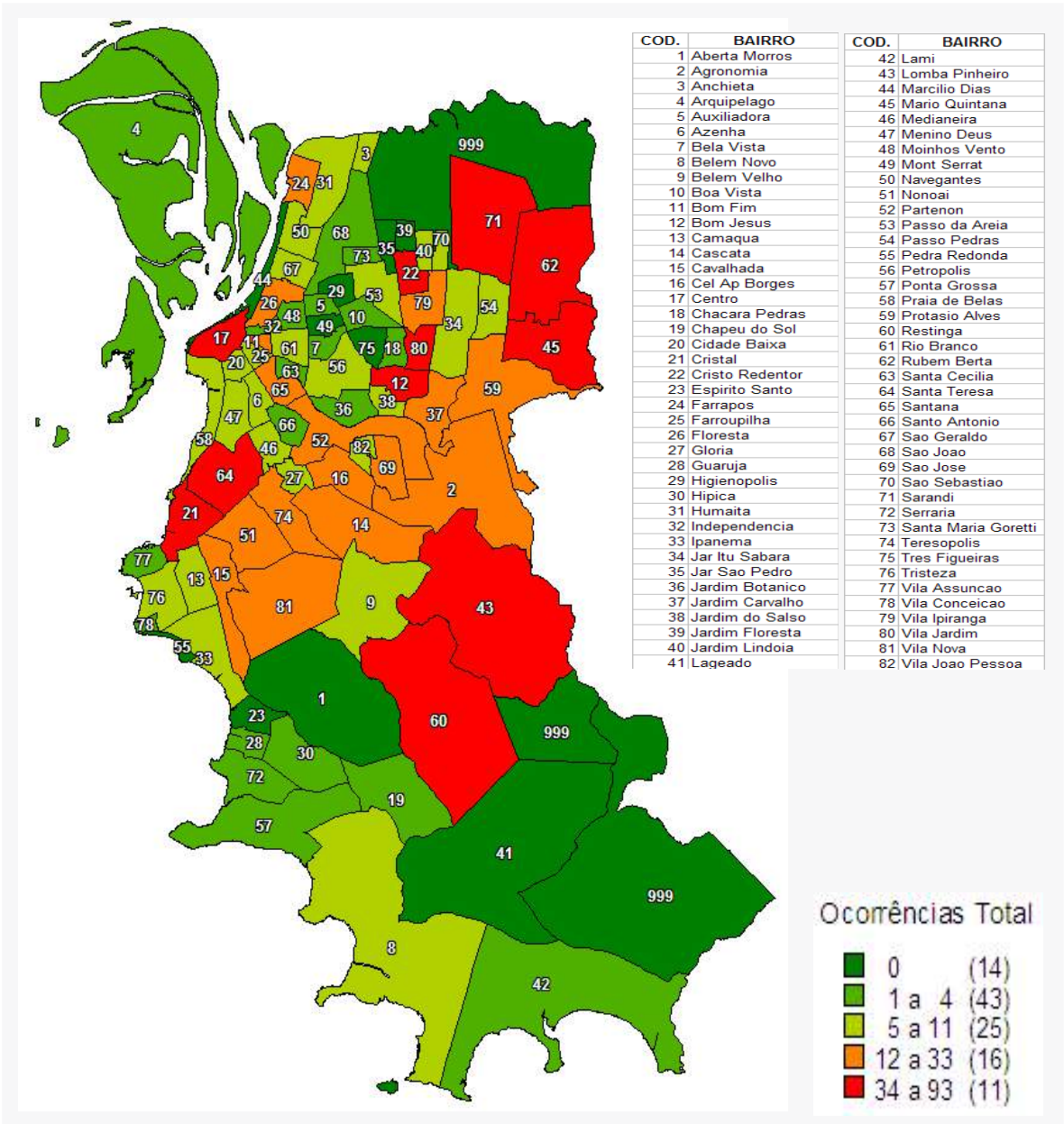
Mapa 4
Total de homicídios, Porto Alegre 2005



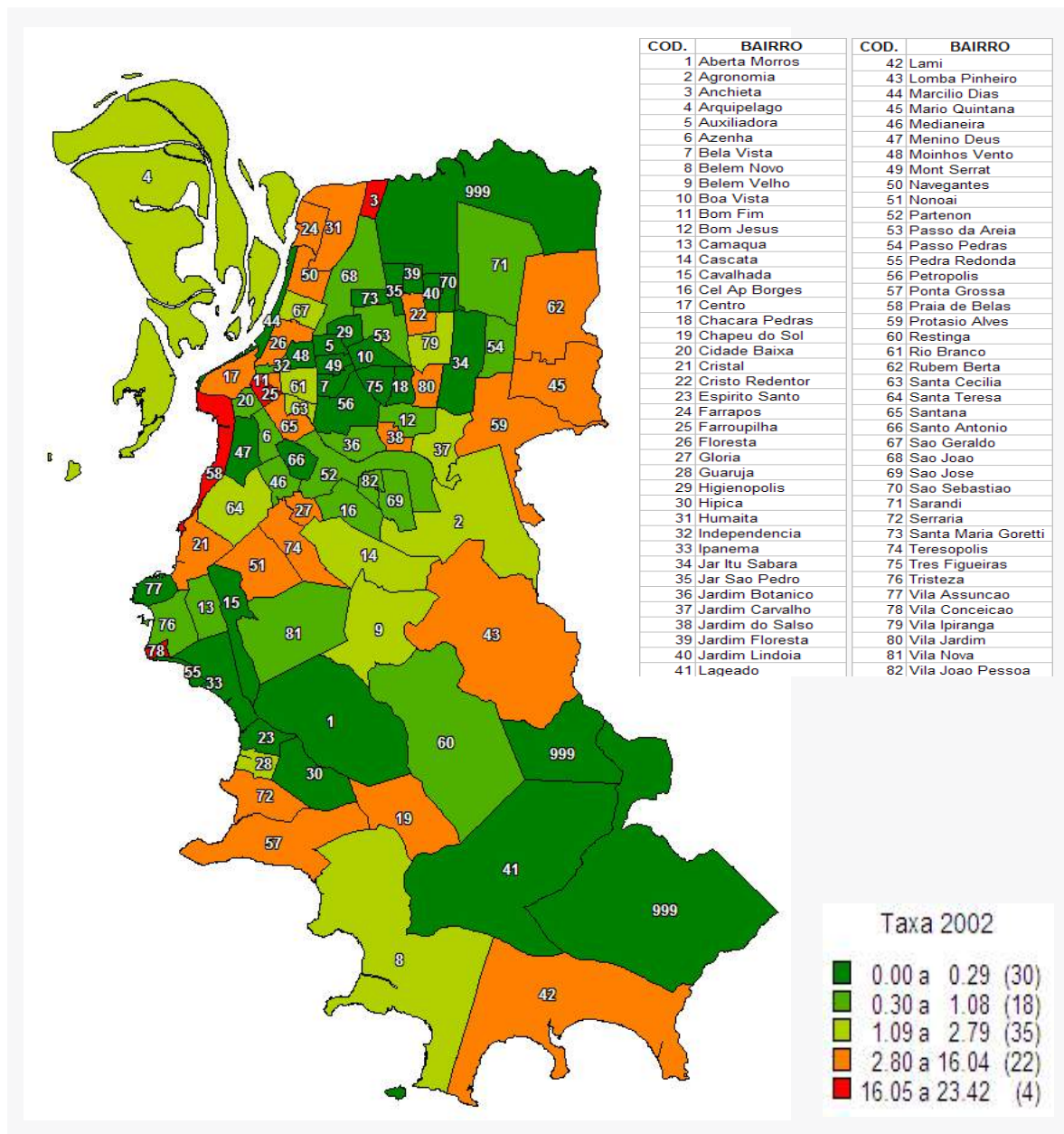
Mapa 5
Total de homicídios, Porto Alegre 2006



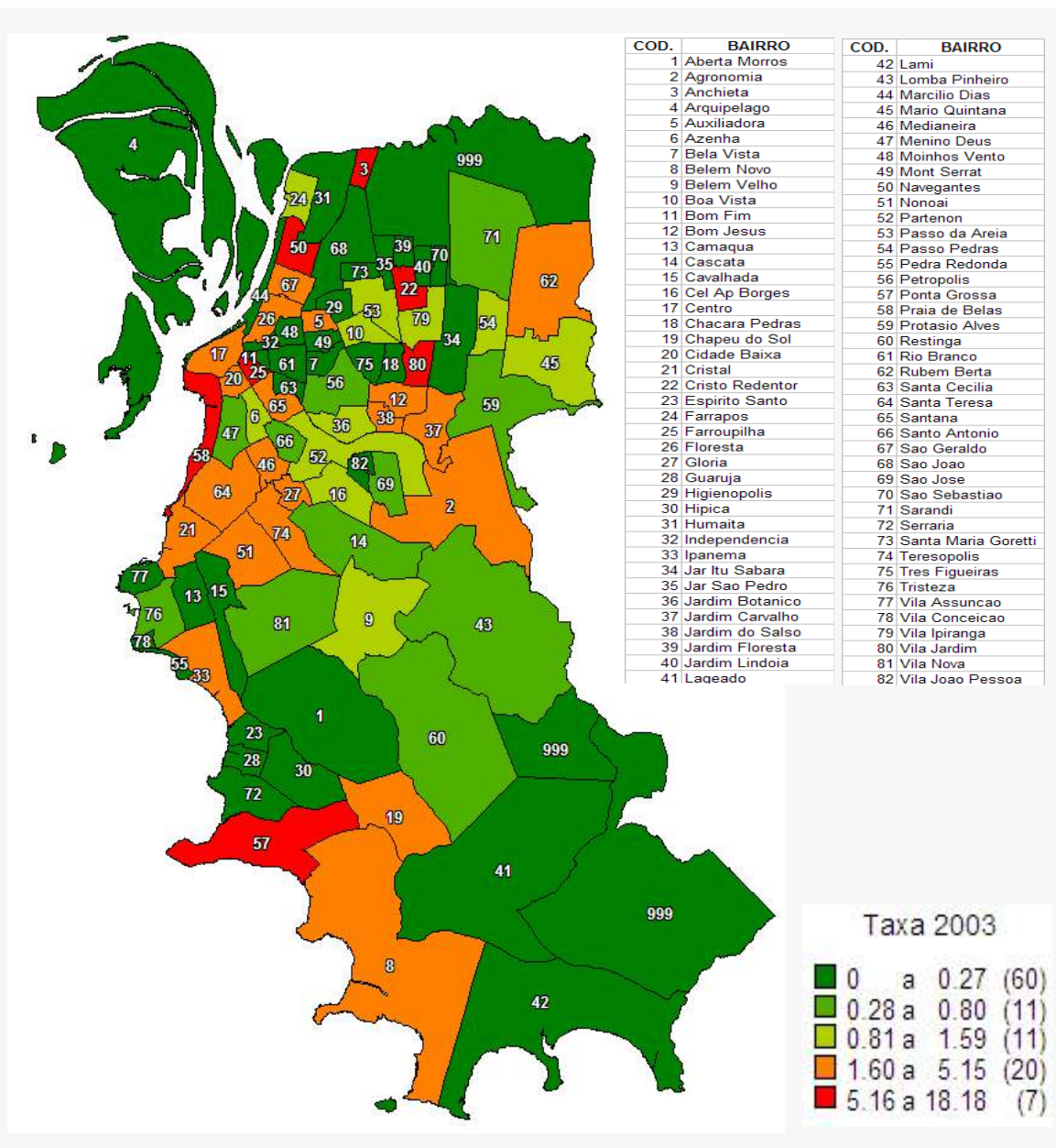
Mapa 6
Total de homicídios, Porto Alegre 2002 - 2006



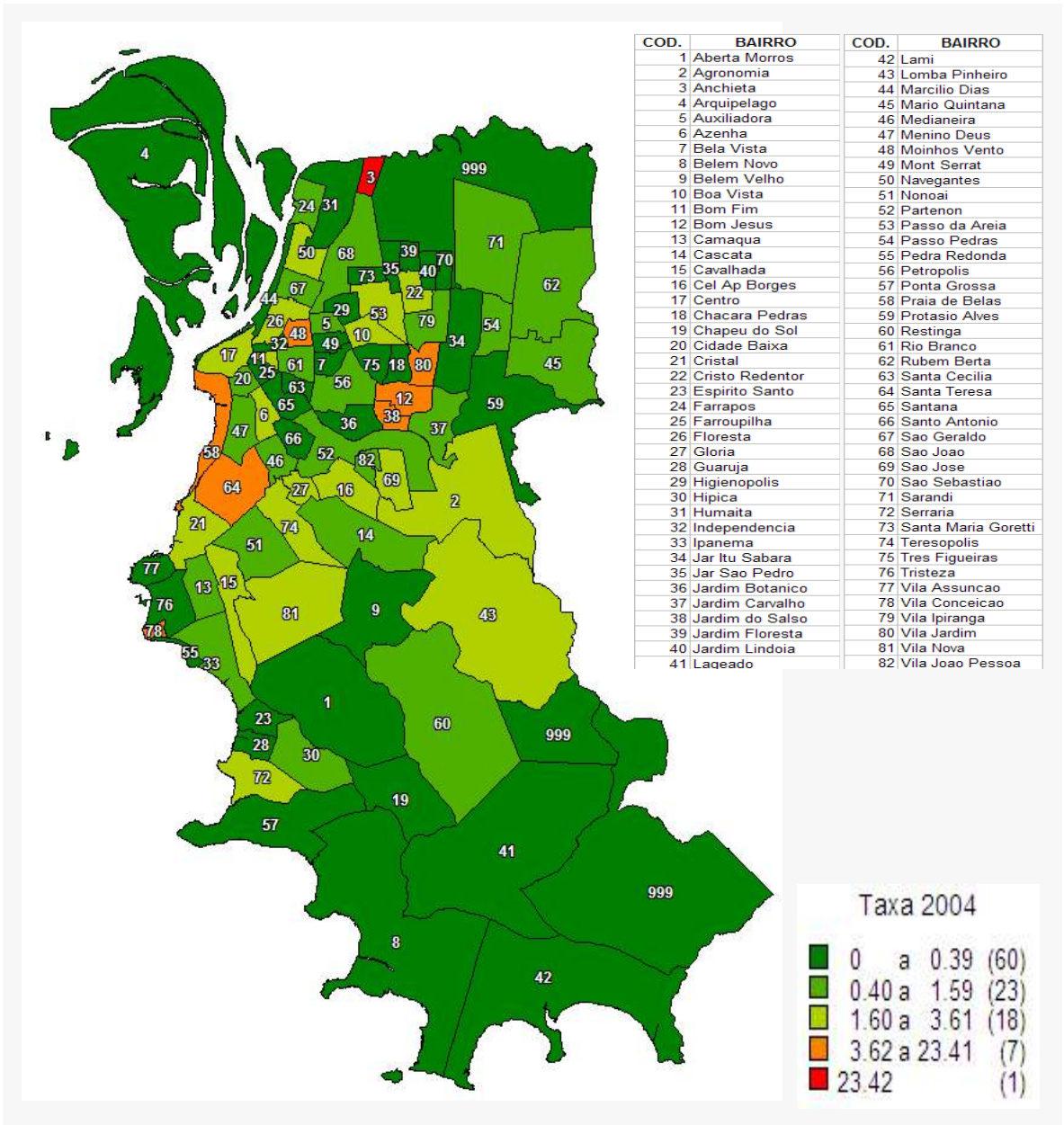
Mapa 7
Taxa de homicídios, Porto Alegre 2002



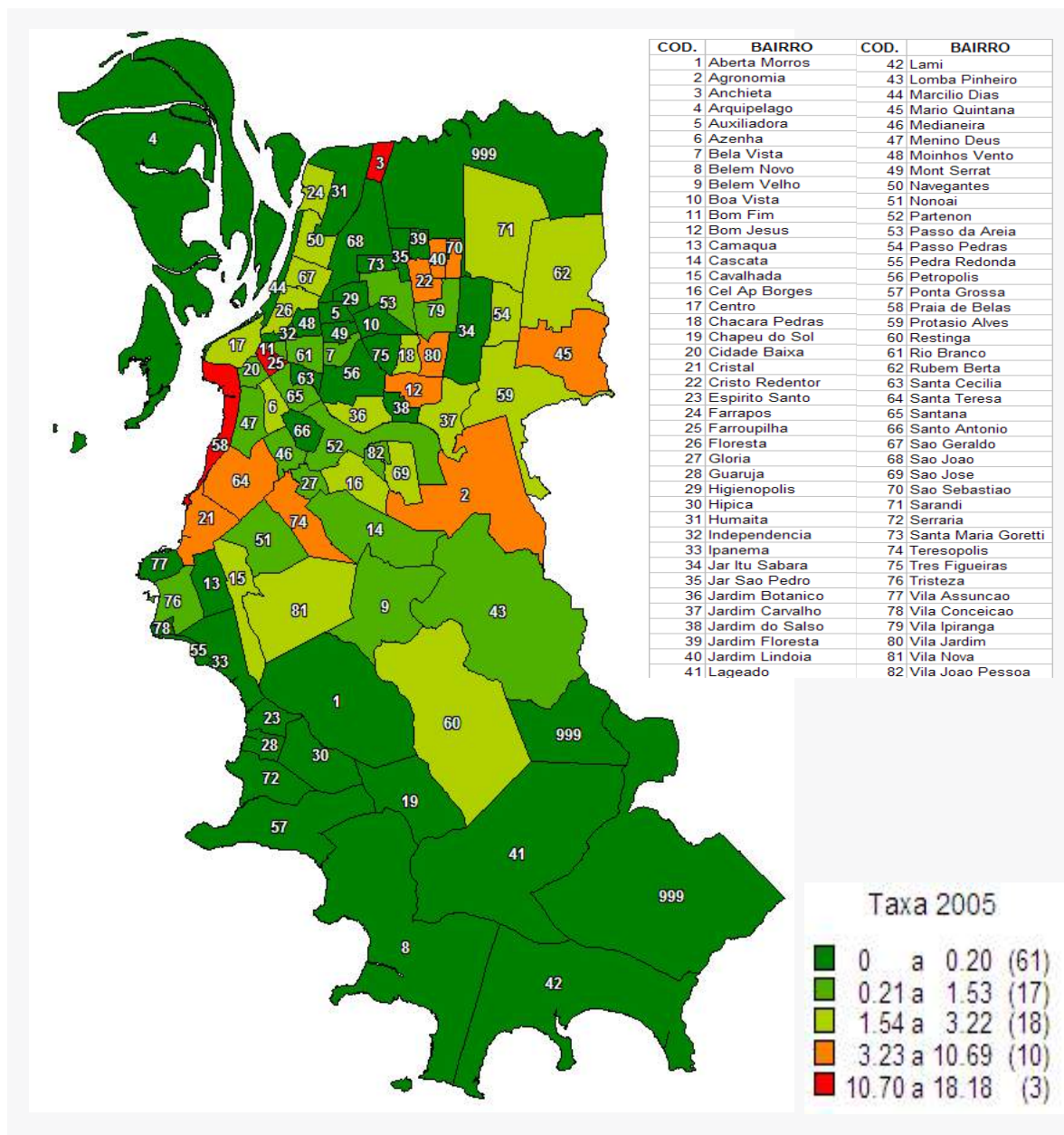
Mapa 8
Taxa de homicídios, Porto Alegre 2003



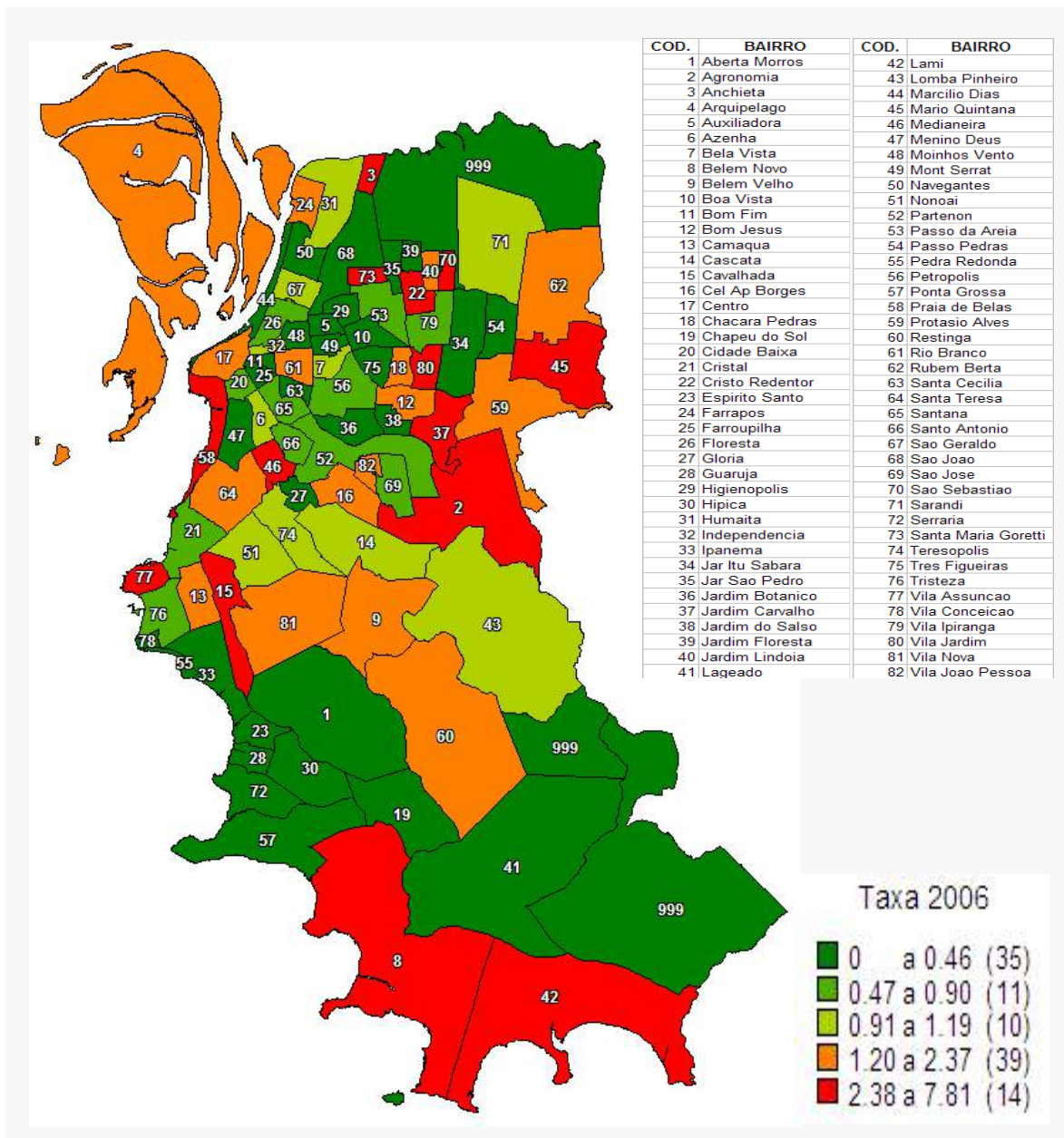
Mapa 9
Taxa de homicídios, Porto Alegre 2004



Mapa 10
Taxa de homicídios, Porto Alegre 2005



Mapa 11
Taxa de homicídios, Porto Alegre 2006



Keywords: social cartography, violence, Porto Alegre, homicide.

Artigo

Recebido: 11/04/2010

Aprovado: 27/05/2010

ABSTRACT: The social cartography make possible to organize and to classify the social phenomena and the multiples relations that had been established in this field. The objective of this text is to display a social cartography of homicides in the city of Porto Alegre. We conclude that the social cartography allowed the characterization of the southern metropolis as a differentiated and complex urban space, with an emergent process of social segregation, in terms of the space dynamic of risks and violence but also with the expansion of the citizenship. The growth of the violence and crime was proven, what it is affecting the relations between the social groups and classes, establishing societal patterns between the social and cultural differentiation and the social segregation in the urban space.

Referências

BACHELARD, Gaston. *Le nouvel sprit scientifique*. Paris, PUF, 1984.

FEE. Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese). Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_idese.php>. Acesso em: 10 dez. 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acessado em: 2 set. 2008.

LECHNER, Norbert. *Las sombras del mañana* (la dimensión subjetiva da política). Santiago, LOM, 2002;

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde Brasil 2007: uma análise da situação da saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/area.cfm?id_area=1133>. Acesso em: 10 dez. 2008.

PORTO ALEGRE. *Mapa da Inclusão e Exclusão Social de Porto Alegre*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 2005.

SENASP. Perfil das Vítimas e Agressores das Ocorrências Registradas pelas Polícias Civas (Janeiro de 2004 a Dezembro de 2005). Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJ1C5BF609PTBRNN.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente*. São Paulo. 2.000.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. As possibilidades das Metodologias Informativas nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Século XXI. In: *SOCIOLOGIAS*. P. A. PPG em Sociologia, IFCH – UFRGS, 3(5) 2001, p. 114-146.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente, RUSSO, Mauricio B. *Espacialização das violências em Porto Alegre: cidade complexa e diferenciada*. Porto Alegre: Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Segurança Urbana, 2003.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Violências e Conflitualidades*. Porto Alegre, TOMO, 2009.